

45°, por Matheus Lima

Um futuro curta, uma futura peça, um futuro livro ou apenas um futuro que eu não quero.

Sensação térmica de 45°, Rio de Janeiro, Bairro: Jardim Botânico.

Um dia as plantas deram conta do calor, hoje estão secas, vegetação de mandacaru predomina sobre a área verde de folha viva, mandacaru parece morrer e sufocar, até um mandacaru ta com calor. Aqui não é nordeste, mas faz mais calor que num pasto seco. Não vejo os animais, não sei se secaram no solo, aqui não tem gado pra ver a carcaça, o bicho que morre parece no solo, antes irrigado. Um homem dentro da sala de casa. Um ventilador de pé, é melhor não botar pra girar, permanece sempre concentrado no rodízio entre ele e ele mesmo na frente do mesmo ventilador. De qualquer modo o botão que faz o ventilador oscilar está quebrado, ele não tem alicate pra poder puxar. Ele vive só, ele e seu telefone que ainda tem fio,

o telefone ainda tem fio.

uma gota de suor pingando no chão rompe o silêncio, mas a segunda gota é abafada pelo telefone que toca alto, quanto mais antiga a coisa mais alto ela toca. Nada hoje em dia se ouve. A rua é vazia os carros não fazem barulho, eles são secos da cor do mandacaru, não existe poluição visual a não ser pela uniformidade desse tom, seco, de uma cor que eu não sei o nome. O telefone ainda toca

- Alô

Ainda se atende assim?

- oi filho

Os velhos ainda estão vivos

- to precisando de um favor

- fala

- pode ir até a farmácia

- posso

- não vai perguntar pra quê?

- ia

- absorvente

- absorvente (anotando)

-voltei a menstruar hoje

Nada se questiona mais nessa terra seca, 82 anos e sai sangue, deve ser por causa do calor, pensa, como se já estivesse sangrando no sol dilacerante que vai ter que enfrentar.

Sai em batalha pela rua lutando entre espinhos e facas feitas de raios ultravioletas, são tão violetas que quase dá pra enxergar os feixes de luz. Quase nenhum palmo a sua frente existe com aquelas ondas de calor que brotam do asfalto

Ainda existe asfalto

Sai por cima do asfalto e dos mandacarus, ainda bem que a farmácia fica na próxima quadra, pensa.

- por favor, um absorvente
- com abas ou sem abas?

Ainda existem abas, não sabe responder, na dúvida um de cada.

- obrigado

Volta na luta horária de passar na casa da mãe, ainda bem que é na próxima quadra, pensa.

No meio das ondas, aquelas que brotam do asfalto, enxerga uma silhueta presa a um poste.

Ainda amarram gente em poste

Sangrava. Não deve ser por conta do calor, pensa.

- não fiz nada
- nada?
- nada

Pensa em voltar a andar, nada mais é questionável, sua mãe voltou a menstruar, porque haveria algo de errado?

Volta a caminhar

- eu roubei um pedaço de mandacaru, eu tava com sede (interpelando)
- roubou?

Aqui quase não tem mais água, nem piedade. O sol dilacera o raciocínio, nada na cidade sente, olha pra cara do agora então bandido, quer sentir, mas é difícil, já deve estar uns 50 graus na sombra, a camisa agora tem cor de suor.

Desamarra o bandido, não se sabe por que, mas teve sentimento, a corrente sanguínea acelerada pelo calor aumentava o fluxo de sangue que escorria pelo nariz do homem

preso ao poste. A corrente sanguínea acelerada pelo calor aumentava o fluxo de sangue que deixava no rosto do homem que olhava o bandido preso ao poste, um vermelho dilacerante. Será que eu era médico? Já não lembra ao certo, o efeito dos raios prejudica a memória. Pega o absorvente da mãe pra conter o sangramento

- com abas ou sem abas?

Não faz a mínima ideia como não fazia na farmácia, talvez seja o calor que tá começando a prejudicar a sua memória.

Na dúvida usa os dois

- obrigado

Segue em frente rumo à casa da mãe

O bandido não vai ter chance

Bandido continua não tendo chance

O sol vai ferver sua corrente sanguínea exposta ao poste como um palitinho de churrasco, o provável suspeito mesmo livre já tá contaminado com ódio de gente e do sol quando se une ao concreto.

Triste fim para o suspeito provável

Segue para a casa da mãe

- 302, o filho dela, obrigado

Ainda existe porteiro

- Benção mãe

Benção é só uma expressão, não existe mais Deus, não no calor, ninguém questiona mais, não tem prova não existe, é mais fácil. Lembra que usou os absorventes no bandido

- num bandido?

- eu sou médico

- é?

- eu acho

Sente uma gota de suor em suas costas que desse até seu cóccix, é a coisa mais fria que ele sente algumas vezes durante o dia.

- e agora?

- e agora o quê?

- meu absorvente?
- você vai sair?
- não
- então não precisa
- é?

Fecha o portão da casa da mãe, duas quadras pra casa, lembra. Pele rasgando e boca partida por causa do calor. Ainda bem que viu um vendedor de mandacaru passando a frente. Pensa em correr mas já fica cansado, pensar em uma estratégia pra chegar até ele nem passa pela sua cabeça.

Não existe mais estratégia

Ninguém é político nem pra bolar uma simples estratégia. É tudo igual, se dá certo é copiado se não der se descarta. Tudo acontece aqui e agora, nada é calculado, nada é pensado demais. Eles se esquecem de pensar, provavelmente por causa do calor.

Garganta seca e coração acelerado, sua pele parece dilacerar ainda mais, não consegue engolir nada além de seco. O vendedor vem em sua direção, vem vestido de cor seca, a sensação de espera nunca foi tão boa, esperar é um alívio porque não precisa andar.

- um mandacaru de quinhentos ou trezentos?
- quinhentos, gelado
- gelado não tem

Gelado não existe mais

- então vai natural
- acabou
- também?
- uhum
- e o quente?
- sempre tem

Caminha com o chá de mandacaru quente, não bebeu, a garganta ainda mais seca é comum, o silêncio faz parte porque cada palavra é um arranhão, não se economiza mais tanto dinheiro, ninguém tem muito, agora se economizam palavras.

Não existe mais poeta

Anda ansioso para chegar na sua casa, dividir seu ventilador com seu chá, para que fique menos quente, vai sem pressa, é pior andar rápido no calor

Uma quadra e meia, quase chegou, nessas horas parece que o suor corre mais rápido e a pele se rasga mais devagar, quanto mais lento o corte maior a dor, encostado a um portão avista no meio das ondas do asfalto um mendigo, indigente, ele não tem cor de suor

está coberto? Nesse calor?

- tio preciso comer

- você não está com calor?

- to morrendo de frio

- me deixa ver

- o senhor é médico?

- não sei

Por um momento pensou no quanto queria se contaminar com aquela doença, logo voltou atrás, não porque pensou muito sobre o assunto, mas é que doença não dava certo, o governo já tentou e o que não dá certo a gente desiste.

- toma esse chá vai te aquecer

- é chá de que?

- mandacaru

- ah

A injustiça social deu certo, se deu certo perpetua, é bem prático, pobre ou é pobre ou é bandido, bandido amarra no poste, pobre passa frio até no calor.

Lembra da doação do chá, a única sorte que deu no dia tinha ido pra um mendigo. O que está acontecendo hoje? Era um dia pra não sair de casa.

Todos os dias são de não sair de casa, lembra.

Chá perdido, garganta inexistente, precisa beber alguma coisa, quente ou fria, de preferência fria,

gelado não existe.

Padaria, mais uma quadra pra trás de sua casa, do lado oposto ao da farmácia. Até sua calça tem cor de molhado.

- tem o que de beber?

- tem coco
- coco?
- mandacaru acabou

O dia já foi estranho, não estranhou o coco, aceitou levar sem questionar como sempre.

- ta quente
- não tem problema
- ta bem quente
- eu vou levar assim mesmo
- assim mesmo como?
- bem quente
- dez reais
- mesmo bem quente?
- frio é vinte

Procura no bolso o troco do absorvente e do chá, o de mandacaru, a mão entra com dificuldade no bolso porque está molhada de suor, por pouco o dinheiro não rasga de tão mofado, abre a mão, RS 7,50,

- que merda
- o que foi?
- só tô com 7,50
- assim você me quebra
- eu trago o resto amanhã
- como eu vou saber?
- eu moro aqui perto
- vai antes que eu desista

Volta para casa segurando seu coco na mão

Não existe saco plástico

Vira a esquina e finalmente está em casa, abre o portão sobe as escadas

Não existe elevador

Abre a porta com uma mão, na outra está o coco, automaticamente liga seu único ventilador de pé, sua sala é vazia, ele um coco e o ventilador. Vai até a cozinha,

- como é que abre um coco em casa?

Tudo é muito difícil hoje em dia, abrir um coco sempre foi, pensa

Esquece o coco, talvez o suor gasto ao abrir não compense a quantidade de líquido que iria ingerir, já se acostumou a não usar muito a sua voz.

Contenta-se com o vazio e o barulho constante do ventilador quase colado em seu rosto. O barulho não ia durar muito mais tempo.

- mas que merda

Tentando aproveitar o último movimento da hélice em sinal de parada

Não há piedade pra quem vive aqui. Os mandacarus não podem se mexer, nunca se sabe quando vai vir sinal de vento que não seja da passagem veloz e silenciosa dos carros. Talvez seja uma lágrima aquilo que escoia do rosto do homem mas é impossível saber ao certo, pode ser suor. Por aqui é impossível sentir

Não existem mais artistas

Qualquer grito de raiva não consegue romper o silêncio. Sai de casa com seu ventilador, seu companheiro, pela rua vermelho fogo. Será que nunca conseguirá voltar pra casa, pensa. Segue em direção a qualquer assistência, lembra que tem uma a três quadras dali.

- ele parou de funcionar

- como?

- simplesmente parou

- fez algum barulho?

- não ele só parou

- mas parou rápido ou devagar?

- sei lá, parou como se desliga

- é, ele não tem mais conserto

- você nem olhou

- pelo que você relatou eu já sei

Ninguém trabalha direito, não sob o sol escaldante que impera durante todo ano

Só existe verão

Talvez ele não saiba se ainda conserta ventiladores, assim como ele não sabe se é médico. Volta em seu caminho de asfalto, que parece rachado como o chão daquelas fotos bonitas do sertão. Mandacarus invadem a calçada como ervas daninhas.

Não existem outras plantas

No ombro o ventilador com defeito parece pesar uns cem quilos embaixo desse sol que pesa

Outra gota de suor rompe o silêncio, cai no asfalto e é vermelha. Ele não percebe a coloração nada usual para uma gota de suor, não enxerga um palmo a sua frente

Só violeta

Sua roupa branca, cor de suor começa a parecer rosada, talvez sejam manchas da lavagem

Não existe mais preto, por causa do calor

O ventilador também branco nas costas, na tentativa de servir de guarda sol. Não consegue pensar em algum lugar que conserte indo a pé. O ônibus provavelmente tem a temperatura de um forno, desiste da ideia de imediato.

Lembra do jardim botânico. Deve estar menos calor do que em sua casa.

Entra, uma quadra e meia depois de onde estava. Senta num banco seco, são umas sete da noite mas aqui sempre parece meio dia. Coloca o seu ventilador no chão e repousa pegando fôlego pra decidir o que fazer. Decidir é uma coisa quase impossível aqui, talvez seja por causa do sol. Senta ainda em silêncio, não existe barulho, não existem animais e nem mato, o Jardim Botânico não tem cheiro de mato verde.

Tudo cheira a suor e seca

Encara seu único companheiro. Repousa sua cabeça em um banco

- que dia

As pessoas vivem pouco por aqui, sua pele seca e dilacerada contrasta com tanto molhado de suor. Nunca sabe quando chove, sempre está molhado e não consegue ver um palmo a sua frente pra ver a chuva. Sua camisa está cada vez mais vermelha, sua boca parece o chão de asfalto que lembra seca.

- o que será que eu fiz pra merecer um dia desses?

Ninguém merece nada por aqui

Se dá um tempo mas não consegue pensar, quer ficar ali sentado eternamente encarando as placas com o nome científico e informações sobre o mandacaru



Encara a vegetação como se fossem pessoas, pelo menos é algo vivo, o mandacaru parece mais vivo do que todos que encontrou hoje, mais vivo do que ele próprio, mais vivo que seu ventilador quebrado que parecia vivo antes, ou que pelo menos dava um pouco de vida pra ele

Talvez daqui a pouco não existam mais humanos

Talvez esse médico não saiba que é médico porque já virou bicho

O ser humano é o único bicho por aqui

Sua camisa tomada por vermelho, o sol dilacera sua carne, o homem respira mais devagar e ele se observa respirar pela última vez, lembra do seu ventilador dando seu último giro de hélice

Corpo também é máquina

Depois de quebrar como seu companheiro, por causa de um simples dia de sol no Rio de Janeiro, fica ali, morto como se ainda tivesse observando o céu cor de seca, encostado no banco de madeira cor de seca.

Ninguém vai ver o seu corpo, ele vai perecer ali como os animais pereceram e nunca foram encontrados. Não sobra carcaça em corpo de gente, carcaça são os outros que permanecerão vivos porque não tem opção, vivem esperando um dia menos quente.

Uma gota rompe o silêncio, acho que era chuva, mas não dá pra diferenciar, aqui até defunto deve suar. Se foi chuva foi só uma gota

Chuva por aqui nem tendo muita esperança, as coisas mais absurdas podem acontecer aqui, nessa terra seca, uma seca com apenas quarenta e cinco graus. Quarenta e cinco graus já foi normal, hoje ninguém vive

Nem as plantas

Nem a esperança

Nem a gente

Por aqui tá difícil existir futuro

(ventilador volta a funcionar)